ENTRE O FANTASMA E A LETRA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DE ANNIE ERNAUX

BETWEEN THE PHANTASM AND THE LETTER: A PSYCHOANALYTICAL READING OF ANNIE ERNAUX

ENTRE EL FANTASMA Y LA LETRA: UNA LECTURA PSICOANALÍTICA DE ANNIE ERNAUX

DOI:
Submitted on: xx.xx.202x | Accepted on: xx.xx.202x | Published on: xx.xx.202x

Marina Pontarollo Brignoni[1]
Marcelo de Oliveira[2]

RESUMO

Este artigo investiga a interseção entre psicanálise e literatura a partir da obra *Paixão Simples*, de Annie Ernaux, considerando a narrativa autoficcional como espaço privilegiado para a apreensão do sujeito do inconsciente. A pesquisa, de caráter bibliográfico e com aporte em estudo de caso clínico, articula os conceitos freudianos de fantasia, desejo e pulsão à hipótese lacaniana do fantasma, entendido como estrutura que organiza o desejo e sustenta o gozo. Nesse enquadre, a paixão é examinada não apenas como experiência afetiva, mas como encenação fantasmática que inscreve o sujeito no laço com o Outro, revelando sua divisão constitutiva e a precariedade que o move. A escrita de Annie é abordada como ato performativo, em que a palavra se aproxima do registro pulsional e faz emergir efeitos que ultrapassam a representação, convertendo a literatura em palco enunciativo das marcas de angústia, sexualidade e desejo. A análise evidencia que o fantasma, ao mesmo tempo em que oferece moldura para o gozo, opera como defesa frente ao desamparo e ao real da falta, sustentando a cena na qual o sujeito dramatiza sua experiência. Os resultados apontam que a paixão, em sua radicalidade, intensifica a repetição fantasmática, expondo o sujeito a uma forma de alienação, mas também possibilitando elaboração e travessia. Conclui-se que a literatura de Ernaux, ao mobilizar afetos e desestabilizar certezas, constitui ferramenta

[1] Graduanda em Psicologia, Centro Universitário Campo Real, Guarapuava, Paraná, Brasil.
E-mail: brignoni.marina@gmail.com
[2] Formação acadêmica mais alta com a área, Instituição de formação, Cidade, Estado, País.
E-mail: prof_marcelooliveira@camporeal.edu.br

relevante para o campo psicanalítico, na medida em que ilumina os mecanismos inconscientes que operam na paixão e oferece subsídios para pensar o manejo clínico das encenações do desejo.

Palavras-chave: Palavras-chave: Psicanálise; Autoficção; Fantasma; Desejo; Inconsciente.

ABSTRACT

This article investigates the intersection between psychoanalysis and literature through Annie Ernaux's *Simple Passion*, considering autofictional narrative as a privileged space for apprehending the subject of the unconscious. The research, based on bibliographic methodology and supported by a clinical case study, articulates Freudian concepts of fantasy, desire, and drive with Lacan's hypothesis of the phantasm, understood as the structure that organizes desire and sustains jouissance. Within this framework, passion is examined not merely as an affective experience but as a phantasmatic staging that inscribes the subject in the bond with the Other, revealing its constitutive division and the precariousness that drives it. Ernaux's writing is approached as a performative act, in which language approaches the register of the drive and produces effects that exceed representation, converting literature into an enunciative stage for the marks of anguish, sexuality, and desire. The analysis demonstrates that the phantasm, while providing a framework for jouissance, also functions as a defense against helplessness and the real of lack, sustaining the scene in which the subject dramatizes its experience. The findings indicate that passion, in its radicality, intensifies phantasmatic repetition, exposing the subject to a form of alienation but also enabling elaboration and traversal. It is concluded that Ernaux's literature, by mobilizing affects and destabilizing certainties, constitutes a relevant tool for the psychoanalytic field, insofar as it illuminates the unconscious mechanisms at work in passion and offers contributions for reflecting on the clinical handling of the stagings of desire.allowing for a conclusion to be drawn. These steps reflect the structure of the abstract, which aims to provide an overview of the work and its main contributions. These guidelines were based on the recommendations of Pires (2010).

Keywords: Psychoanalysis; Autofiction; Fantasy; Desire; Unconscious.

RESUMEN

Este artículo investiga la intersección entre psicoanálisis y literatura a partir de la obra *Pasión Simple*, de Annie Ernaux, considerando la narrativa autoficcional como un espacio privilegiado para la aprehensión del sujeto del inconsciente. La investigación, de carácter bibliográfico y con apoyo en un estudio de caso clínico, articula los conceptos freudianos de fantasía, deseo y pulsión con la hipótesis lacaniana del fantasma, entendido como la estructura que organiza el deseo y sostiene el goce. En este marco, la pasión se examina no solo como experiencia afectiva, sino como una puesta en escena fantasmática que inscribe al sujeto en el lazo con el Otro, revelando su división constitutiva y la precariedad que lo impulsa. La escritura de Ernaux es abordada como un acto performativo, en el cual la palabra se aproxima al registro pulsional y produce efectos que exceden la representación, convirtiendo la literatura en escenario enunciativo de las marcas de angustia, sexualidad y deseo. El análisis muestra que el fantasma, al mismo tiempo que ofrece un marco para el goce, opera como defensa frente al desamparo y lo real de la falta, sosteniendo la escena en la cual el sujeto dramatiza su experiencia. Los resultados indican que la pasión, en su radicalidad, intensifica la repetición fantasmática, exponiendo al sujeto a una forma de alienación, pero también posibilitando elaboración y travesía. Se concluye que la literatura de Ernaux, al movilizar afectos y desestabilizar certezas, constituye una herramienta relevante para el campo psicoanalítico, en la medida en que ilumina los mecanismos inconscientes que operan en la pasión y ofrece aportes para pensar el manejo clínico de las puestas en escena del deseo.

Palabras clave: Psicoanálisis; Autoficción; Fantasma; Deseo; Inconsciente.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma investigação na interseção entre psicanálise e literatura, tendo como eixo a obra *Paixão simples*, de Annie Ernaux, laureada com o Prêmio Nobel em 2022. A escolha não é fortuita: a narrativa autoficcional de Ernaux expõe de modo singular, a experiência da paixão, oferecendo um campo privilegiado para testemunhar as complexidades do sujeito do inconsciente. Nosso objetivo é delimitar o conceito de fantasma a partir dessa

obra, articulando a paixão e o tratamento clínico, a fim de compreender como a paixão opera na cena fantasmática.

O percurso teórico orienta-se inicialmente pelos fundamentos freudianos, com a delimitação dos conceitos de fantasia, desejo e constituição do sujeito em sua relação com a sexualidade, a pulsão e a alteridade. Em seguida, exploraremos a hipótese do fantasma em Lacan, concebido como a estrutura que sustenta o desejo e confere forma à repetição de um gozo encenado na linguagem. Nesse sentido, a interpretação do texto literário funciona como palco enunciativo em que os efeitos do desejo se mostram performativos, atravessados por marcas de angústia, paixão e inscrição do sujeito no laço com o Outro[3].

A relevância deste estudo reside na capacidade da literatura de iluminar os mecanismos psíquicos que operam na paixão, oferecendo subsídios para a compreensão da subjetividade e, por extensão, para a prática clínica, em que o analista se confronta com as encenações fantasmáticas do desejo e com a paixão depositada como demanda clínica em sofrimento latente.

A escrita, nesse contexto, não é apenas meio de expressão, mas ato que possibilita ao sujeito dizer-se, contornar-se, inscrever-se na cadeia significante e, de certo modo, bordar o real pela letra. A letra, como elemento material da linguagem, constitui o ponto de ancoragem do significante no sujeito, articulando linguagem e inconsciente. Ernaux explicita essa dimensão ao afirmar: “Eu achava que a escrita deveria se aproximar dessa impressão provocada pela cena do ato sexual, desse sentimento de angústia e estupor, da suspensão de julgamento moral” (ERNAUX, 2023, p. 8). Nesse trecho, evidencia-se o desejo não apenas de narrar, mas de reproduzir a intensidade da experiência. Ao almejar “a impressão

[3]3 O termo “Grande Outro,” ou apenas “Outro” não se refere a uma pessoa concreta, mas a uma instância simbólica que antecede e estrutura o sujeito. É o lugar da linguagem, da lei, da cultura e do inconsciente, de onde o sujeito recebe significações e a partir do qual se constitui.

provocada pela cena do ato sexual", a autora sugere que a escrita deve operar no mesmo registro da pulsão, produzindo no leitor um afeto que ultrapassa a representação. Sua escrita não se submete ao sentido pleno, mas se deixa atravessar pelas entranhas da experiência humana, transformando a palavra em um modo distinto de apreender a realidade — um espaço em que o desejo não se mostra nem se explica, mas se é a própria experiência, atualizando-se incessantemente na tessitura do instante, como lógica imanente do inconsciente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Desde suas primeiras elaborações, a psicanálise revelou-se profundamente enlaçada à literatura, reconhecendo nas tragédias gregas manifestações universais do inconsciente, do desejo e da angústia que atravessa a experiência humana. A leitura freudiana de Édipo Rei, por exemplo, evidencia como a dimensão e narrativa da literatura abre caminhos para formulações teóricas que sustentam a prática clínica (FREUD, 1996 [1900]).

As questões mobilizadas pela psicanálise — relativas ao desejo, à subjetividade e à crítica das normatividades — são transpostas às reformas culturais e políticas. Por exemplo, na década de 1970, a França vivenciou um período de intensa efervescência cultural e política impulsionada pelos eventos de Maio de 1968. Movimento iniciado por estudantes da Universidade de Nanterre, que impuseram-se frente a um sistema educacional rígido e pouco democrático, lutando por transformação social, liberdade, espaço para desejo, criatividade, e maior participação política (MORIN, 1968; SEGUIN, 2005). O movimento se espalhou por todo o país, envolvendo milhões de trabalhadores em greves gerais, desafiando o conservadorismo da Quinta República.

É nesse cenário de renovação literária e política que surge o conceito de autoficção. O inconsciente coletivo - estruturado como uma linguagem - se mobiliza e transborda, provocando mudanças no sujeito e nas suas formas de expressão. À luz desses acontecimentos, a arte se movimenta e a literatura muda seu discurso. Dentre alguns artistas, o escritor Roland Barthes publica sua autobiografia, *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975), onde propõe uma reflexão biográfica inovadora, trazendo uma escrita mais áspera e manifesta, compreendendo o sujeito como multifacetado e inconcreto, cita logo no início na obra: “Imaginário primordial da infância: a província como espetáculo, a História como odor, a burguesia como discurso” (BARTHES, 2003 [1975], seção “Fotografias da infância”). Barthes abre espaço para uma nova perspectiva ao olhar para o termo “autobiografia” inaugurando uma escrita polifônica para narrar a própria experiência, rompendo com a linearidade da autobiografia tradicional e evidenciando um sujeito denso testemunhado na escrita (BARTHES, 2003 [1975]).

Inspirado por essas reflexões e conjecturas, em 1977 Serge Doubrovsky cunhou pela primeira vez o termo “autoficção” na quarta capa de seu livro *Fils*:

> Sinaliza não tanto o aparecimento dessa modalidade de romance que se inspira nos dados empíricos da vida do autor, mas antes o início de uma nova era, em que o privado se torna cada vez mais público, em que o romance passa a vampirizar as escritas de si, seja como elemento verídico do entrecho, seja sob a forma de simulacro. (FIGUEIREDO, 2020)

Nesse momento se estabelece um novo gênero literário. Uma forma de escrita em que elementos autobiográficos e ficcionais coexistem, rompendo com a coerência cronológica e a veracidade factual, permitindo que a subjetividade e o desejo sejam explorados literariamente (DOUBROVSKY, 1977). A Autoficção não integra apenas autobiografia e ficção, mas cria um espaço em que as

fronteiras da realidade e do tempo evanescem através da linguagem, oferecendo palco para o sujeito exceder — uma reabilitação da subjetividade.

Em 1991 Annie Ernaux publica a primeira edição de *Paixão Simples* narrando a experiência de um romance vivido em 1989, relata na obra uma paixão intensa que foge ao convencional, com um homem casado e imigrante, sendo mãe e professora, rompendo barreiras, enfrentando rótulos, olhares e críticas. Annie, nascida Annie Thérèse Blanche Duchesne em 1º de setembro de 1940, em Lillebonne, na França, é escritora e professora de literatura francesa moderna. Em suas obras, escreve de si, utiliza suas próprias experiências para explorar temas universais como classe social, memória, identidade, sexualidade e envelhecimento. Em *Paixão Simples,* Annie não se preocupa em embelezar sua experiência ou justificar seus sentimentos, por mais sujos ou íntimos que possam ser, No relato dessa paixão o tempo e a verdade concreta se perdem em uma escrita crua, por exemplo; “É claro, eu só me lavava no dia seguinte para poder guardar dentro de mim o esperma dele.” (p. 15) É precisamente nessa aparente simplicidade que reside sua força e capacidade de tocar o leitor - à sua revelia, e isso se dá pela forma honesta e escrachada que conecta-se consigo, expondo fissuras do eu e fazendo da escrita um lugar de encontro, mesmo que às custas do pudor ou da ordem social, escreve-se, coloca-se em palavra, e abraça essa *phatos*[4] como sustentação de vida, exibindo esse sujeito de desejo e de angústia, que se entrega a esse cenário de gozo[5].

Annie traduz o tempo sob a lógica do inconsciente - verdade, mentira, ocorreu anos atrás ou nesse instante? Pouco importa, quem

[4] Phatos é um termo de origem grega, associado à experiência de sofrimento e afecção; em seu uso como *patologia*, designa o padecimento ou aquilo que afeta o sujeito, remetendo à dimensão do adoecimento.
[5] Gozo *(jouissance)* termo lacaniano que designa uma forma de prazer ligada ao desejo, que excede o princípio do prazer - se apresenta como prazer mas também sofrimento e contradição.

dita o ritmo do discurso é a angústia e o desejo - no sentir se faz a verdade, a verdade da experiência subjetiva e da emoção vivida.

> Não estou contando a narrativa de um relacionamento, nem uma história (que me escapa pela metade) com uma cronologia precisa — 'ele veio no dia 11 de novembro' — ou aproximada — 'as semanas passaram'. Para mim não havia essa cronologia em nossa relação, eu só conhecia a presença ou a ausência. Estou apenas acumulando as manifestações de uma paixão que oscila o tempo todo entre 'sempre' e 'um dia', como se este inventário pudesse me dar acesso à realidade dessa paixão (ERNAUX, 2023, p. 62).

O inconsciente não segue a lógica do tempo cronológico. Como aponta Freud em "Além do Princípio do Prazer" (1920), no inconsciente "não há tempo": as marcas psíquicas do passado permanecem operantes no presente com a mesma força, independentemente da ordem factual. Lacan retoma essa formulação ao afirmar que o inconsciente é "eterno", isto é, não regido pelo antes e o depois, mas pelo instante de significação.

Na obra isso fica nítido nos relatos de Annie sobre o tempo, um tempo plástico e líquido, por exemplo; "Tudo o que ganhávamos na ordem da intensidade física perdíamos ao longo do tempo" (p. 9), e "Nessas horas, eu era apenas o tempo passando por mim" (p. 9) A experiência da paixão radicaliza essa atemporalidade, o afeto intenso suspende a lógica cronológica e coloca o sujeito em um tempo outro, regido por outra lógica. O essencial não é a sucessão dos acontecimentos, mas o efeito pulsional que insiste.

Assim, a narrativa autoficcional traz o sujeito não como um registro histórico dos fatos, mas como um tecido de experiências significantes atravessadas pelo Outro, onde a verdade se faz na intensidade da experiência subjetiva e pulsional, constituindo a própria tessitura do inconsciente que orienta o desejo, estrutura a experiência e define a maneira como o sujeito se relaciona com o Outro.

A paixão se faz na busca, busca incessante do sujeito em preencher uma lacuna constitutiva - a falta: que instaurada pela castração, nunca poderá ser plenamente preenchida, gerando angústia mas também tensionando o sujeito desejante. “O rochedo da castração instala para todo ser vivente uma falta constitucional sinalizada pela angústia.” (PIZETTA, 2009). É um movimento paradoxal: aquilo que gera sofrimento e sensação de incompletude também movimenta o desejo em busca do objeto perdido, um movimento incessante em torno do vazio da não-satisfação estrutural, com o sujeito sempre marcado pela falta, dor sendo sustentação de desejo:

> O tempo todo me assaltava o desejo de terminar, para não ter mais que ficar à mercê de uma chamada, para não sofrer mais, e logo imaginava o que viria com o término: uma sequência de dias sem nada para esperar. Então preferia continuar, ainda que a um custo alto — que ele tivesse outra mulher, ou várias (isto é, um sofrimento ainda maior que aquele que me levava a querer deixá-lo). Porém, se comparada ao vazio vislumbrado, minha situação presente parecia feliz, e meu ciúme era uma espécie de privilégio frágil cujo fim eu fora louca de desejar, já que cedo ou tarde esse fim chegaria, independentemente da minha vontade, quando ele fosse embora ou me abandonasse, ele, sempre ele.” (ERNAUX, 2023, p. 143).

Nesse espaço de falta, o desejo não encontra repouso; ele se reinscreve a cada gesto de escrita, corroendo qualquer certeza de identidade. O que parece íntimo revela-se atravessado pelo Outro, deslocando fronteiras entre o que é dito e o que permanece silenciado. E dentre o sujeito e sua fluidez, a sexualidade.

Compreender a sexualidade e seus construtos é um ponto crucial para entender as complexidades do desejo e os elementos da escrita de Annie, uma das propostas deste trabalho.

Pois bem, a sexualidade não existe – é importante partir desse pensamento para lembrar a plasticidade da mesma e a impossibilidade enrijecê-la com uma essência fixa, una, harmoniosa e obediente. Em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (FREUD, 1905/2006), Freud esclarece que a sexualidade não se trata de um dado biológico ou pré-determinado, mas de um constructo complexo e multifacetado atravessado pelas contingências de cada história:

> Evitei cuidadosamente introduzir expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral ou da de espécies animais particulares neste estudo, relativo à função sexual do ser humano e possibilitado pela técnica da psicanálise. Minha meta, de toda forma, era verificar o quanto se pode conhecer sobre a biologia da vida sexual humana com os meios da pesquisa psicológica. Pude indicar pontos de contato e concordâncias que resultaram dessa investigação, mas não precisei desviar-me de meu curso quando o método psicanalítico, em vários pontos importantes, levou a opiniões e resultados que se afastavam consideravelmente daqueles baseados apenas na biologia." (FREUD, 1905/2016, p. 16).

Essa concepção abre espaço para compreender a sexualidade como um campo em constante construção, onde o desejo se entrelaça a contingências singulares e não se reduz a determinismos biológicos.

Na experiência de Annie, tal homem cujo nome não se menciona- descrito apenas como “A.”, se torna o véu que a cobre, modifica seus sentidos, seus sonhos, objetivos, rotina, etc - uma cegueira escolhida, uma manifestação de angústia insistente e particular, permeada por ambivalência. É nesse lugar onde o prazer abraça o sofrimento que o gozo se constitui.

O gozo (*jouissance*), diferente do prazer cotidiano, constitui uma relação paradoxal de satisfação e martírio, algo do precário que foge à razão, por isso insiste, reaparece e repete, pois incapaz de se acomodar na linguagem e no sentido, se inscreve numa outra cena,

REVISTA ACADÊMICA ON LINE
ISSN 2359-5787

estabelecendo um ponto de contorno que torna esse excesso parcialmente manejável.

Ora, gozo como excesso, falta que não se preenche e sentido que nunca se completa, eis o que permeia o desejo - A precariedade movimenta o desejo, precariedade não como falta de valor, mas condição constitutiva do sujeito desejante: instabilidade, desencontro, risco e não-garantia. Na obra, a precariedade se inscreve na oscilação entre presença e ausência, no anonimato do objeto, na exposição que não autoriza fechamento. Essa precariedade não paralisa; ela impulsiona. Faz escrever, como se a letra pudesse alojar o que não se acomoda no sentido ou no corpo.

É nesse percurso que o esforço de dar forma à experiência amorosa se enlaça intrinsecamente à função estruturante do fantasma. Assim como o gozo que o atravessa, o fantasma não almeja a completude; ao contrário, ele se alimenta da precariedade que o move e se reinscreve a cada encontro. A “tentativa de organizar” a experiência amorosa, portanto, conecta-se diretamente à tarefa de enquadrar o desejo diante da falta constitutiva do sujeito (LACAN, 1964/2008).

Essa concepção encontra uma ressonância profunda na narrativa de Paixão *Simples*, de Annie, onde a paixão se converte em uma cena fantasiosa particular. Essa cena não apenas determina a maneira como Annie percebe o mundo, mas também reorganiza e satura sua realidade pela espera e pela presença do objeto amado. A própria autora descreve essa imersão fantasmática:

> DESDE SETEMBRO do ano passado, não fiz outra coisa além de esperar por um homem: que ele me telefonasse e viesse à minha casa. [...] A impressão que eu tinha, sobretudo quando falava, era de estar vivendo no automático. As palavras e as frases, o próprio riso, formavam-se em minha boca sem a participação efetiva da minha reflexão ou vontade. Lembro apenas por alto dos meus afazeres, dos

> filmes que via, das pessoas que encontrava. Minha conduta era totalmente artificial. As únicas ações que envolviam minha vontade, meu desejo e qualquer coisa da ordem da inteligência humana (prever, avaliar os prós e contras, as consequências) tinham todas relação com esse homem. (ERNAUX, 2023, p. 6).

O fantasma funciona como a moldura através da qual o sujeito enquadra o mundo e, fundamentalmente, tenta responder à pergunta enigmática sobre o desejo do Outro: “Che vuoi?” (O que queres de mim?). Lacan, em seu Seminário 14: A Lógica do Fantasma, define essa estrutura como “uma ligação, uma conexão entre esse sujeito enquanto assim constituído e alguma coisa outra que se chama o objeto pequeno *a*” (LACAN, 1966-1967, p. 6).

Propondo essa leitura, Annie evidencia como o desejo não se orienta por uma intencionalidade clara; ele se manifesta como estranhamento, uma força que arrebata o sujeito, convocando-o a se confrontar com aquilo que o atravessa e o impulsiona. Esse “algo” que convoca não é um objeto no sentido comum, mas o objeto causa de desejo — o objeto a de Lacan — que não pode ser apreendido nem possuído, pois é imaterial, escapa à simbolização e permanece sempre como resto que dá forma ao desejo. É justamente essa ausência, essa impossibilidade de preenchimento, que dá movimento ao sujeito, e é através do fantasma que ele dramatiza, circunscreve e ensaia sua relação com o que o compele a desejar.

Para sintetizar essa ideia, Lacan propõe o matema: $◊a. O símbolo $ (sujeito barrado) indica a divisão inerente ao sujeito, sempre clivado pela linguagem e pela entrada na ordem simbólica. Essa barra representa a impossibilidade de o sujeito ser pleno, completo, uma vez que ele é efeito da linguagem. O objeto a, por sua vez, não é um objeto concreto, mas o objeto causa do desejo, um resto irredutível que escapa à simbolização e que o fantasma tenta circunscrever. É aquilo que se perdeu na constituição do sujeito e

que, paradoxalmente, o impulsiona a desejar. O fantasma “não é uma representação do desejo, mas a sua encenação, o seu palco” (CALLIGARIS, 2005, p. 23). É nesse palco que o sujeito dramatiza suas fantasias, seus modos singulares de gozo e suas defesas contra a angústia da falta radical.

Essa estrutura fantasmática possui uma função dupla e paradoxal: de um lado, fixa o modo particular de gozo de cada sujeito, estabelecendo o roteiro de sua satisfação pulsional; de outro, opera como uma defesa, um anteparo que vela o real insuportável do desamparo e da ausência de uma garantia última no Outro. A paixão, em sua radicalidade, pode ser compreendida precisamente como a encenação explícita e, por vezes, devastadora, dessa lógica fantasmática, um ponto em que o sujeito se confronta com o núcleo de sua própria divisão e precariedade.

A experiência de Annie ilustra isso com vividez. O objeto a, nesse contexto, não se restringe ao homem em si, mas ao que ele representa na economia desejante: a promessa de um gozo que o fantasma organiza e sustenta. A paixão, portanto, transcende o mero sentimento; ela se manifesta como a atualização de um roteiro fantasmático que, ao mesmo tempo em que oferece uma via de satisfação, vela a precariedade do sujeito e sua divisão, protegendo-o do real da ausência de garantia no Outro. O homem não é o centro da narrativa, mas o suporte de uma cena desejante, o que se escreve, é o efeito do fantasma:

> Ele me disse ‘você não vai escrever um livro sobre mim’. Ora, mas não escrevi um livro sobre ele, nem sobre mim mesma. Apenas expressei com palavras — que talvez ele nem leia, e que não são destinadas a ele — o que a existência dele, por si só, me trouxe. Um tipo de dom reverso (ERNAUX, 2023, p. 54).

No Seminário 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise, Lacan (1964/2008) descreve a “travessia do fantasma”

como um momento decisivo do processo analítico. Essa travessia não visa à eliminação do fantasma, mas um deslocamento da posição do sujeito em relação a ele, permitindo questionar a fórmula que organiza seu desejo e abrir-se a novas possibilidades de gozo e de relação com o Outro. Em "A Lógica do Fantasma, Lacan (1966-1967) aprofunda essa formalização, apresentando o fantasma como a única via de acesso do sujeito ao real: uma estrutura que conecta o sujeito barrado ao objeto *a*. A paixão, com sua intensidade e repetição, manifesta essa lógica, pois o sujeito se entrega a uma encenação que o sustenta e, simultaneamente, o aliena. O trabalho analítico implica criar as condições para que o sujeito confronte a montagem significante de seu fantasma, interrogando o lugar que ocupa no desejo do Outro e a forma como aí se articula o objeto a. Trata-se de deslocar a lógica da repetição, visando a emergências de subjetivações menos alienadas ao desejo do Outro e mais enraizadas na singularidade do sujeito.

Assim, em *Paixão Simples*, o desejo se apresenta não como intenção dirigida a um objeto claro, mas como força que arrebata e expõe a incompletude do sujeito. A escrita autoficcional de Annie dá corpo a esse movimento, funcionando como espaço onde o fantasma se encena e onde o objeto a aparece como causa, nunca como objeto a ser alcançado. A literatura é lugar de inscrição dessa experiência, permitindo que a narrativa exponha a dimensão do desejo em sua estranheza e em seu caráter irredutível.

3 CONCLUSÃO

Este estudo, ao investigar a interseção entre psicanálise e literatura a partir da obra *Paixão Simples*, de Annie Ernaux, evidenciou a paixão como uma experiência fundamental e desestabilizadora, capaz de conduzir o sujeito a um profundo desamparo diante da intensidade afetiva que a constitui. A escuta

analítica diante desse cenário emerge como uma leitura das “letras do inconsciente”, demandando do psicanalista uma postura de manejo cuidadoso e atento.

Nesse contexto, a noção lacaniana de “travessia”, compreendida como ato e corte que transforma a economia do gozo, adquire centralidade. O analista, ao ocupar a função de semblante, sustenta a direção da análise no sentido de causar o desejo do analisante. A máxima de Lacan no *Seminário 8* — “amar é dar o que não se tem a alguém que não quer” — sintetiza a compreensão psicanalítica do amor e do desejo, deslocando o foco da reciprocidade para a falta constitutiva do sujeito (LACAN, 1960 [2010]).

Paixão Simples, nesse horizonte, não se limita a ilustrar uma vivência, mas se apresenta como campo fértil para pensar o manejo clínico diante do sujeito apaixonado, muitas vezes tomado pelo desamparo e pela vertigem do desejo. A narrativa encena o fantasma e marca a inscrição da falta, permitindo vislumbrar a função do objeto a como aquilo que convoca, que causa, mas jamais se deixa possuir. Nesse sentido, a escrita de Annie Ernaux revela, em sua intensidade quase irrespirável, o mesmo movimento que a clínica enfrenta: sustentar o sujeito diante do excesso do gozo e da ausência de garantias, lugar onde se decide a travessia de cada um.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003 [1975].

CALLIGARIS, Contardo. **Hipótese sobre o fantasma.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

CALLIGARIS, Contardo. **A lógica do fantasma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIAS, M. G. L. V. **Do gozo fálico ao gozo do Outro**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 77-88, 2008.

DOUBROVSKY, Serge. **Fils.** Paris: Seuil, 1977.

EIDELSZTEIN, Alfred. **A clínica psicanalítica hoje.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

ERNAUX, Annie. **Paixão simples**. São Paulo: Fósforo, 2022 [1991].

FIGUEIREDO, Eurídice**. A autoficção e o romance contemporâneo**. Alea: Estudos Neolatinos, v. 22, n. 3, p. 232-246, 2020.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** (1900). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 7.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer** (1920). In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 18.

LACAN, Jacques**. Écrits**: A Selection. Tradução de Bruce Fink. New York: W.W. Norton & Company, 1998 [1966].

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Tradução de Luiz Fernando Garcia-Roza. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8: a transferência (1960-1961).** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 14: A lógica do fantasma.** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Inédito, 1966-1967.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise.** Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: Mais, ainda.** Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

MORIN, Edgar. **La crise de mai 1968.** Paris: Seuil, 1968.

NASIO, Juan-David**. O inconsciente e o sintoma.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

OLIVEIRA, Flavia Lana Garcia de; SANTOS, Tania Coelho dos. **A lógica do fantasma na passagem da modernidade à contemporaneidade.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 932-952, 2018.

OLIVEIRA, L. F.; SANTOS, M. A. Lógica do fantasma e clínica contemporânea: impasses e desafios. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,** São Paulo, v. 21, n. 4, p. 777-790, dez. 2018.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica.** São Paulo: n-1 Edições, 2019.

PUCCINI, M. **Literatura e psicanálise: reflexões**. FronteiraZ, São Paulo, n. 7, p. 111-124, 2011.

SANTOS, M. A.; DUNKER, C. I. L. **O fantasma como “reparo” na estrutura: uma leitura lacaniana.** Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 165-175, jul./dez. 2021.

TYSZLER, Jean-Jacques. **O fantasma na clínica psicanalítica**. Tradução de Letícia P. Fonsêca. Recife: Association Lacanienne Internationale, 2014.

VILLARI, R. A. **Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura**. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 20, n. 3, p. 42-51, 2000.